



## **Crítérios de noticiabilidade em notícias sobre energia nuclear no site *Folha.com*<sup>1</sup>**

Ricardo Henrique Almeida DIAS<sup>2</sup>

Maria José P. M. de ALMEIDA<sup>3</sup>

Departamento de Ensino e Práticas Culturais, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

### **Resumo**

Temos por objetivo neste trabalho a abordagem dos critérios de noticiabilidade no discurso jornalístico com a elaboração de um dispositivo analítico para a análise de textos de jornalismo científico sobre energia nuclear do portal de notícias *Folha.com*. Assim, selecionamos algumas notícias e as discutimos sob o prisma de valores-notícia tais como conflito, proximidade, novidade e relevância. Pudemos concluir que o dispositivo analítico composto por elementos teóricos do jornalismo se mostrou adequado para a análise de notícias científicas sobre energia nuclear e acreditamos que a colocação desse dispositivo em funcionamento para a análise de interpretações de estudantes de jornalismo pode ser relevante para a compreensão dos posicionamentos que eles adotam quando se deparam com pautas científicas.

**Palavras-chave:** critérios de noticiabilidade; jornalismo científico; ensino de jornalismo

### **Introdução**

A problemática do jornalismo científico enquanto campo de pesquisa e objeto de estudo foi trabalhada no último Intercom realizado em Caxias do Sul-RS de diversas formas, como podemos verificar nos artigos: Flores e Silveira (2010); Quirino (2010); Bertol e Sebben (2010); Carneiro e Nery (2010); Pereira e Barbosa (2010); Ferreira (2010) e França e Ramires (2010). O penúltimo trabalho citado discutiu o relacionamento entre o jornalismo científico e as práticas comunicativas no âmbito da educação, ao indicar que os critérios de noticiabilidade são determinantes na cobertura jornalística até mesmo para a divulgação científica. Já o último trabalho citado considerou a influência cada vez maior da ciência e tecnologia na sociedade e apontou como problema a precariedade na formação de jornalistas, que estariam entre os atores responsáveis para que o público reflita e utilize as informações científicas, além da mera "tradução" do discurso científico que é normalmente tomado como modelo de divulgação. Assim, foi criado um núcleo de jornalismo científico na instituição dos autores do artigo – a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, email: [rhad@mail.com](mailto:rhad@mail.com). Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

<sup>3</sup> Professora titular na área de Metodologia de Ensino: Física, na Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciência e Ensino, e-mail: [mjpma@unicamp.br](mailto:mjpma@unicamp.br). Apoio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – com a implantação de uma agência de notícias sobre ciência e tecnologia e responsável por atividades de formação de jornalistas para o trabalho com ciência nos meios de comunicação.

Nessa perspectiva de diálogo entre aspectos do jornalismo e da educação em ciências, em Dias e Almeida (2009) já eram levantadas algumas especificidades do jornalismo para a compreensão de textos de física publicados nas revistas *Ciência Hoje* e *Pesquisa Fapesp*. Nesse artigo os autores mostram como tais características se constituíram em condições de produção na leitura desses textos por estudantes da licenciatura em física e como alguns critérios de noticiabilidade, como proposto por várias pesquisas sobre o jornalismo, dentre elas Traquina (2005) e Wolf (2006), foram condições para a leitura dos licenciandos.

Ao tomar como ponto de partida esses dois trabalhos publicados no último Intercom e a investigação sobre leituras de textos de jornalismo científico por estudantes de física, temos por objetivo neste trabalho o aprofundamento na pesquisa sobre os critérios de noticiabilidade no discurso jornalístico com a elaboração de um dispositivo analítico para a análise de textos de jornalismo científico, que, nesta investigação em especial, versam sobre energia nuclear do portal de notícias *Folha.com*. Consideramos a relevância do trabalho com aspectos constituintes do discurso jornalístico e do jornalismo científico para o âmbito da formação de jornalistas, através de atividades de leitura de textos de jornalismo científico, como aquele já descrito, que foi realizado na investigação com os licenciandos em física. Conhecer por que determinado aspecto da ciência é considerado como notícia e merecedor de receber um tratamento jornalístico e por que outros não recebem a mesma atenção dos meios de comunicação, pode propiciar meios para a abordagem das condições de produção do discurso jornalístico sobre ciência em situações efetivas de ensino em nível de graduação, facilitando a elaboração de atividades sobre a temática.

### **Aspectos teóricos e metodológicos**

De modo correlato ao estudo de Dias e Almeida (2011), utilizamos como apoio teórico algumas noções advindas da vertente da análise de discurso originada na década de 1960 na França por Michel Pêcheux, principalmente com apoio em textos produzidos no Brasil por Eni Orlandi. Esse referencial pareceu-nos adequado por considerar que a linguagem não é transparente, bem como admitir que a relação entre homem, pensamento e mundo não acontece de forma direta e sim mediada. Para este trabalho destinamos uma atenção



especial às considerações da análise de discurso sobre a posição que o analista assume para realizar seu trabalho de análise. Para Almeida (2004), em qualquer estudo a explicitação do dispositivo teórico colocado a funcionar é fundamental e quase sempre seu papel vai além daquilo que frequentemente é suposto pelos autores do estudo, sendo que o suporte teórico não entra em cena apenas na análise de informações obtidas com a intenção de se solucionar um problema, pois “as convicções que esse referencial possibilita já se fazem presentes na definição desse problema. Por outro lado, a construção de um dispositivo analítico vai além do simples uso do referencial teórico e está associada à natureza do problema a ser analisado” (p. 44). Para Orlandi (2005), o dispositivo analítico tem como característica colocar o dito em relação ao não dito. O que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, “o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (p. 59).

Segundo Orlandi (1996), enquanto analista de discurso o que ele se propõe é mostrar a relação da posição do analista com os gestos de interpretação do sujeito. Para Pêcheux (2002) a posição de trabalho, em referência à análise de discurso, não supõe de forma alguma a possibilidade de algum cálculo dos deslocamentos de filiação:

Ela supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados (p. 57).

Podemos citar como exemplo de trabalho que destaca a diferenciação entre referencial teórico e dispositivo analítico o trabalho de Rodríguez (2000) que ressalta a importância da postura do analista frente ao fenômeno. Para Orlandi (2005), o dispositivo deve explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos e suas filiações de sentidos, descrevendo a relação do sujeito com sua memória. “Nessa empreitada, descrição e interpretação se inter-relacionam. E é também tarefa do analista distingui-las em seu propósito de compreensão” (p. 60). A autora ressalta também que não se espera do analista o trabalho numa posição neutra, mas que esta seja relativizada em face da interpretação, atravessando o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito.

De acordo com Orlandi (idem) o analista constrói seu dispositivo analítico, que ele particulariza, a partir da questão que ele coloca face aos materiais de análise que constituem seu corpus e que ele visa compreender, em função do domínio científico a



que vincula seu trabalho. “Com esse dispositivo, ele está em medida de praticar sua análise, e é a partir desse dispositivo que ele interpretará os resultados a que chegar pela análise do discurso que empreendeu” (p. 62).

Assim, construímos um dispositivo analítico composto por conhecimentos já sistematizados sobre os critérios de noticiabilidade no discurso jornalístico e o colocamos em funcionamento para a análise de notícias sobre ciência no portal *Folha.com*. Selecionamos um tema em especial, energia nuclear, e buscamos por esse termo na seção *Ciência* do portal. Nosso recorte começa em 2007 até junho de 2011 e selecionamos alguns textos significativos aos valores-notícia. Assim, abordamos a seguir as condições em que determinado assunto teria que se encaixar para ser notícia, no que conhecemos por critérios de noticiabilidade e valores-notícia.

### **Critérios de noticiabilidade**

Para Traquina (2005), uma conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos meios noticiosos é que as notícias apresentam um “padrão” geral estável e previsível:

A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia (p. 63).

Para Wolf (2006), a noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias.

Tudo o que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. (...) Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (p. 190).

Segundo Wolf (idem), definindo-se a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar as notícias, podemos definir os valores-notícia como um componente da noticiabilidade, sendo que esses valores constituem a resposta à seguinte questão: quais os acontecimentos que são considerados



suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?

Wolf (*idem*) faz a ressalva que, apesar da dissertação sobre esses fatores se apresentar como uma lista de simples valores-notícia, esses valores funcionam, na prática, de uma forma complementar.

Na seleção dos acontecimentos a transformar em notícias, os critérios de relevância funcionam conjuntamente, “em pacotes”: são as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores/notícia, que “recomendam” a seleção de um fato (p. 196).

Para Wolf (*idem*) os valores-notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção, sendo que não estão presentes apenas na seleção das notícias, mas participam também nas operações posteriores, embora com um relevo diferente. Ele faz a categorização dos valores-notícia com base nos pressupostos implícitos ou de considerações relativas:

- a. às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo;
- b. à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo;
- c. ao público;
- d. à concorrência (p. 200).

Quanto às características ligadas ao conteúdo, Wolf (*idem*) divide em dois aspectos: a importância e o interesse da notícia, sendo que a importância parece ser determinada por quatro variáveis:

1. Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável;
2. Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional;
3. Quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve e
4. Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação (pp. 201-205).

Quanto ao interesse da notícia, este estaria ligado às imagens que os jornalistas têm do público e também ao valor-notícia que Golding e Elliot (*apud* Wolf, *idem*) definem como “capacidade de entretenimento”. São interessantes as notícias que procuram dar uma interpretação (no sentido de foco) de um acontecimento baseado no aspecto do “interesse humano”, do ponto de vista insólito ou das pequenas curiosidades que atraem a atenção.

Em outra seleção dos critérios dos valores-notícia, Traquina (2005) seleciona a morte; a notoriedade do ator principal do acontecimento; a proximidade, sobretudo em termos



geográficos, mas também em termos culturais; a relevância, que seria o impacto da notícia sobre a vida das pessoas; a novidade; o tempo, que seria a existência de um acontecimento na atualidade já transformada em notícia; a notabilidade, ou qualidade de ser visível; o inesperado, que seria a notícia que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística; o conflito ou controvérsia; a infração, que refere-se sobretudo a transgressão das regras e o escândalo.

Apesar da discussão desses critérios, fazemos a mesma ressalva de Alsina (2009), que não precisamos pensar que tais critérios são aplicados de forma mecânica, mas que se agregam e se complementam.

### **Conflito ou controvérsia**

Um dos valores-notícia mais marcantes sobre energia nuclear no portal Folha.com é a controvérsia ou conflito. O primeiro texto da nossa amostra já explicita a controvérsia logo no título: "Brasil pode ter de recorrer à opção nuclear, diz Krug."<sup>4</sup> Podemos notar como a energia nuclear surge como uma opção energética inevitável, já sabendo-se a priori da controvérsia dessa fonte de energia, mas como uma solução ao cumprimento de metas de emissão de CO<sub>2</sub>, como diz Thelma Krug, então secretária de Mudanças Climáticas do Ministério de Meio Ambiente: "Vamos ter de encarar, botar isso na balança. Entre uma [usina] nuclear, uma térmica a carvão e você não ter um esforço de mitigação [da emissão de gases de efeito estufa] à altura, vamos ter de colocar tudo isso na mesa. Serão decisões muito difíceis". Uma voz convergente à solução nuclear, que apareceu em dois textos<sup>5</sup>, foi a do então Ministro de Ciência e Tecnologia, Sérgio Resende. Em um texto sobre a divulgação do relatório do IPCC, ele destacou a menção que o órgão "fez à energia nuclear como potencial 'limpo'. 'A resistência a ela vem de alguns ambientalistas pouco esclarecidos". No outro texto, sobre a instalação de uma rede para pesquisas sobre mudanças climáticas, o ex-ministro defendeu a instalação da usina Angra 3. Ao ser questionado sobre se esse tipo de energia não causaria conflito a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica), Sérgio Resende respondeu que "o Brasil é signatário do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares. Já começamos a fazer o enriquecimento de urânio, em quantidade pequena. Não há nenhum questionamento da AIEA".

---

<sup>4</sup> Salomon (2007)

<sup>5</sup> Angelo (2007) e Geraque (2007a)



Apesar da afirmação do ex-ministro, surgem também vozes contrárias à energia nuclear, como a do climatologista Carlos Nobre, que aponta para a produção de dejetos radioativos e o aumento do risco de disseminação de tecnologia nuclear, que poderia ser aproveitada para fins bélicos. "Se nós disseminarmos a energia de fissão, os EUA vão se colocar na posição de guardiões da paz do mundo, dizendo: 'Você pode, você não pode'". Isso já acontece hoje, aliás. Daqui a pouco eles vão dizer que o Brasil também não pode"<sup>6</sup>. Em outro texto<sup>7</sup>, José Goldemberg, físico e especialista em energia no país, parece concordar com o climatologista: "(...) isso pode gerar alguns efeitos indiretos perigosos. Apoiar a energia nuclear pode ajudar países como o Irã ou a Coreia do Norte a desenvolverem suas armas nucleares". Além do perigo com a produção de armas nucleares e com os resíduos radioativos, outro texto<sup>8</sup> coloca, já no título, como um fator controverso à instalação de usinas nucleares, o alto custo da instalação: "Angra 3 é desperdício de dinheiro, diz Greenpeace". Além de outra notícia<sup>9</sup> na qual o físico Luiz Pinguelli Rosa afirma: "É um absurdo o que vai ser gasto com Angra 3 (...). Não consegui entender por que ela será tão cara".

A controvérsia envolvendo a energia nuclear atingiu o ápice após o acidente nuclear na usina Fukushima 1 decorrente do terremoto e posterior tsunami que atingiram o Japão em 11 de março de 2011. Especificamente na seção *Ciência* do portal *Folha.com* há uma notícia<sup>10</sup> sobre o temor de demonização dos reatores nucleares por parte de alguns cientistas envolvidos na atividade, principalmente no contexto da construção de um reator em Iperó-SP. O texto explica as diferenças entre os reatores de Fukushima e o que será construído e ressalta os benefícios que o reator irá fornecer à pesquisa em radioisótopos para uso na medicina, parecendo prever a polêmica relacionada ao seu possível funcionamento, face aos incidentes ocorrido no Japão.

Nessa seleção de textos da seção *Ciência* do portal *Folha.com*, pudemos notar como o critério de noticiabilidade conflito ou controvérsia propiciou condições para a cobertura da mídia sobre energia nuclear. Como vozes favoráveis e desfavoráveis à instalação de usinas nucleares foram ouvidas, com suas ações e reações, bem como argumentos utilizados na defesa de seus posicionamentos. Porém, além da controvérsia, identificamos outros valores-notícia, como proximidade, impacto e novidade<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Muniz (2007)

<sup>7</sup> Geraque (2007b)

<sup>8</sup> Lage (2007)

<sup>9</sup> Geraque (2007c)

<sup>10</sup> Righetti (2011)

<sup>11</sup> Ressaltamos que os valores-notícia se complementam, já que muitas das notícias já citadas são próximas geograficamente e culturalmente do Brasil, possuem teor impactante e são atuais.



### **Proximidade: energia nuclear como fator estratégico do Brasil**

As diversas aplicações da energia nuclear e seus benefícios para os interesses brasileiros podem ser encontradas em diversas notícias do portal *Folha.com*. Como podemos ler no site do Ministério de Ciência e Tecnologia, o setor de energia nuclear – que se distribui por mais duas pastas: Ministério de Minas e Energia e Ministério da Defesa – envolve a produção de energia elétrica, a pesquisa e desenvolvimento do uso de energia nuclear para propulsão naval, tendo como principal projeto um submarino nuclear. Outra área em que é empregada a energia nuclear é a medicina. São 2,1 milhões de procedimentos médicos anuais realizados com o uso de substâncias radioativas tais como radiofármacos e radioisótopos, além de outras aplicações das atividades nucleares, segundo o portal.

As notícias sobre esses papéis da energia nuclear como setor estratégico ao Brasil se concentram em atividades do governo, como no texto "Argentina reconhece direito do Brasil de desenvolver programa nuclear"<sup>12</sup>, no qual o governo argentino reconheceu o direito das nações a um desenvolvimento nuclear pacífico, citando o programa nuclear brasileiro e o anúncio do então presidente Lula sobre a reativação do programa para dotar o Brasil de um submarino atômico e a construção de Angra 3. Outras três notícias<sup>13</sup> relativas aos interesses nacionais trataram da construção do "Reator Nuclear Multipropósito" de Iperó-SP que produzirá radioisótopos para fins médicos, radiofármacos, auxiliará no desenvolvimento do submarino nuclear pela Marinha entre outras pesquisas nucleares.

Além dessas notícias sobre energia nuclear enquanto campo estratégico brasileiro, há duas notícias históricas<sup>14</sup> sobre o aniversário de 20 anos do primeiro reator nuclear genuinamente nacional construído no Brasil e de 50 anos de inauguração do primeiro reator nuclear da América Latina, que foi construído com a ajuda do governo norte-americano, dentro do programa *Atoms for Peace*, que estimulava países a aderirem à tecnologia nuclear.

### **Novidades na pesquisa em energia nuclear**

Em três textos<sup>15</sup> podemos verificar como novos fatos envolvendo a pesquisa em energia nuclear foram veiculados pelo portal *Folha.com*, o que podemos encaixar no valor-notícia

---

<sup>12</sup> ARGENTINA reconhece direito do Brasil de desenvolver programa nuclear (2007).

<sup>13</sup> Righetti (2010); Angelo e Garcia (2009) e Lage e Antunes (2010).

<sup>14</sup> Maia (2008a; 2008b)

<sup>15</sup> CHINA desenvolve veículo lunar movido a energia nuclear (2007); RÚSSIA desenvolverá naves espaciais movidas a energia nuclear (2009) e COMBUSTÍVEL nuclear alternativo é mais reativo do que se acreditava (2010).



novidade. Duas notícias versaram sobre o papel da energia nuclear em pesquisas astronômicas, sendo uma sobre um veículo lunar chinês movido a energia nuclear, um meio de obtenção distinto se comparada às baterias recarregáveis de íons de lítio utilizadas pelo programa espacial norte-americano, e outra sobre o desenvolvimento da energia nuclear para a propulsão das naves espaciais russas.

Outra notícia sobre um fato novo na pesquisa em energia nuclear foi sobre um combustível nuclear alternativo – composto de nitreto de urânio e não pelos usuais óxidos de urânio e plutônio – ser mais reativo do que se esperava.

A substância é mais densa e estável e conduz calor melhor que misturas de óxido de urânio-plutônio. Essas propriedades sugerem que os nitretos poderiam funcionar em reatores mais frios, gerando mais energia, diz Jaqueline Kiplinger, do Laboratório Nacional Los Alamos, no Novo México (EUA). Até a Nasa já havia sugerido que poderia usar o combustível em futuras missões espaciais.

Tais notícias fazem parte das consagradas divulgações das novidades científicas, problemática que já foi debatida por diversas pesquisas em jornalismo científico, como em Cascais (2003), que apontou para a "mitologia dos resultados" quando a ciência é divulgada em âmbitos mais amplos que a comunidade científica. Com esses exemplos citados pudemos notar como o valor-notícia *novidade* é levado em consideração no jornalismo científico sobre pesquisas em energia nuclear e propicia condições para a compreensão do excessivo enfoque nos resultados e aplicações da atividade científica, já que eles se referem ao valor-notícia *novidade* e, portanto, mais fáceis de receberem um tratamento jornalístico.

### **Considerações finais**

Corroborando a ressalva de Alsina (2009) vimos como os valores-notícia elencados neste trabalho se agregaram e se complementaram, embora categorizamos alguns valores e discutimos separadamente. Além dos valores *conflito*, *proximidade* e *novidade*, um dos valores-notícia mais importantes para a compreensão da discursividade jornalística está na relevância e impacto sobre a sociedade de determinado acontecimento para que este vire notícia. No contexto da energia nuclear, grande parte das notícias debatidas nos valores-notícia anteriores podem ser enquadradas no impacto sobre a vida das pessoas, devido à importância vital do suprimento das nossas necessidades energéticas, que vão desde o ligar das nossas lâmpadas até o funcionamento das máquinas das indústrias que geram os



empregos e a produção de medicamentos e tratamentos para as doenças proporcionado pelos radioisótopos já mencionados.

O dispositivo analítico composto por elementos teóricos do jornalismo se mostrou adequado para a análise de notícias científicas sobre energia nuclear e acreditamos que a colocação desse dispositivo em funcionamento para a análise de interpretações de estudantes de jornalismo pode ser relevante para a compreensão dos posicionamentos que eles adotam quando se deparam com pautas científicas.

Consideramos como a compreensão dos critérios de noticiabilidade em atividades sobre jornalismo científico voltada para estudantes de jornalismo, ou profissionais que já completaram sua graduação, pode propiciar condições para que os estudantes trabalhem com a ciência nos meios de comunicação, tendo uma ferramenta para caracterizar os discursos que constituem notícias científicas. Gostaríamos, entretanto, de ressaltar que a simples caracterização das notícias, por si, não garante qualquer posicionamento crítico do estudante e/ou jornalista. Posicionamentos são indissociáveis da cultura científica e esta última está associada à história de vida de cada um e aos ambientes sócio-históricos em que ela se processa.

## Referências

ALMEIDA, M. J. P. M. de. **Discursos da ciência e da escola: ideologia e leituras possíveis.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia.** Petrópolis: Vozes, 2009.

ANGELO, C. IPCC mostra caminho para contornar a crise climática. **Folha.com**, São Paulo, 05 mai. 2007.

ANGELO, C. e GARCIA, R. Brasil projeta super-reator nuclear. **Folha.com**, São Paulo, 30 mai. 2009.

ARGENTINA reconhece direito do Brasil de desenvolver programa nuclear. **Folha.com**, São Paulo, 11 jul. 2007.

BERTOL, S. R. S. e SEBEN, V. H. F. Notícias de saúde em O Nacional, Zero Hora e Folha de São Paulo: estudo comparado. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

CARNEIRO, D. L. C. M. e NERY, V. C. A. Divulgação científica e tecnológica: a presença das instituições universitárias no Jornal da Ciência. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.



CASCAIS, A. F. Divulgação científica: A mitologia dos resultados. In: SOUSA, C., MARQUES, N. e SILVEIRA, T. (orgs.). **A comunicação pública da ciência**. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

CHINA desenvolve veículo lunar movido a energia nuclear. **Folha.com**, São Paulo, 02 abr. 2007.

COMBUSTÍVEL nuclear alternativo é mais reativo do que se acreditava. **Folha.com**, São Paulo, 13 jul. 2010.

DIAS, R. H. A. e ALMEIDA, M. J. P. M. de. Especificidades do jornalismo científico na leitura de textos de divulgação científica por estudantes de licenciatura em física. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 31, n. 4, 2009.

\_\_\_\_\_. Um dispositivo analítico para a investigação da leitura de textos de divulgação científica. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 1, 2011.

FERREIRA, R. A. Divulgação científica midiática no campo educacional: o jornalismo no formato transversal. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

FLORES, N. M. e SILVEIRA, A. C. M. da. O projeto SciELO Divulgação como fonte do jornalismo científico praticado nas redações jornalísticas. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

FRANÇA, G. M. e RAMIRES, O. S. A contribuição do jornalismo na popularização da ciência: o Núcleo de Jornalismo Científico da UFMS. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

GERAQUE, E. Biomassa poderá responder por até 25% da energia no mundo. **Folha.com**, São Paulo, 12 fev. 2007b.

\_\_\_\_\_. País terá rede de estudos do clima. **Folha.com**, São Paulo, 03 abr. 2007a.

\_\_\_\_\_. Plano nacional para clima deve sair neste ano. **Folha.com**, São Paulo, 12 jul. 2007c.

LAGE, J. Angra 3 é desperdício de dinheiro, diz Greenpeace. **Folha.com**, São Paulo, 22 mai. 2007.

LAGE, J. e ANTUNES, C. Brasil quer parcerias com Argentina e Peru em medicina nuclear. **Folha.com**, São Paulo, 22 jun. 2010.

MAIA, F. Há 50 anos, Brasil inaugurava primeiro reator nuclear da América Latina. **Folha.com**, São Paulo, 25 jan. 2008b.

\_\_\_\_\_. Primeiro reator nuclear criado no Brasil completa 20 anos de operação. **Folha.com**, São Paulo, 29 nov. 2008a.

MUNIZ, D. Energia nuclear esbarra na questão bélica, diz especialista. **Folha.com**, São Paulo, 06 mar. 2007.



ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

PEREIRA, M. F. e BARBOSA, C. L. Diagnóstico do jornalismo científico praticado no Amazonas. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

QUIRINO, K. T. M. A crise da ciência e do jornalismo e as perspectivas para o jornalismo científico. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

RIGHETTI, S. Brasil pode ter megareator nuclear para fins médicos e científicos em 2016. **Folha.com**, São Paulo, 24 set. 2010.

RIGHETTI, S. Após Japão, cientistas temem "demonização" de reator nuclear. **Folha.com**, São Paulo, 28 mar. 2011.

RODRÍGUEZ, C. M. **Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o Guarani no Paraguai**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas 2000.

RÚSSIA desenvolverá naves espaciais movidas a energia nuclear. **Folha.com**, São Paulo, 29 out. 2009.

SALOMON, M. Brasil pode ter de recorrer à opção nuclear, diz Krug. **Folha.com**, São Paulo, 04 jun. 2007.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2006.